



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6804 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT24 - Educação e Arte

#### O REAL E A IMAGEM EM JOGO

Hélio Junior Rocha de Lima - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Ysmilla Katalana Oliveira Figueiredo - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Adrielle Erika da Silva - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

#### O REAL E A IMAGEM EM JOGO

#### Resumo

A pesquisa sobre a imagem na educação faz perceber o quanto a sociedade se apoia nas imagens e a ampla presença delas no dia-a-dia. Todavia, a multiplicidade de perspectivas imagéticas exige uma direção que promova estudos de aspectos específicos da imagem. Assim, busca-se refletir sobre as leituras possíveis das imagens cotidianas, principalmente no tocante a concepção de imagem e realidade. Um aspecto dramático delimita certa atenção no teatro imagem, uma técnica de teatro desenvolvida por Augusto Boal, cujo objetivo é desenvolver uma linguagem visual mais crítica da imagem. A pesquisa é de cunho bibliográfico e empírico, focada nas discussões de Areal (2012), Loizos (2008), Boal (1980) e Barthes (1984), encampada pela pesquisa do PIBIC – Texturas da Educação, e nas experiências com jogos de imagens desenvolvidas no grupo de extensão: teatro imagem na sala de aula. Estudo e vivência de modalidades técnicas do teatro do oprimido no processo escolar na interação de professores do ensino fundamental, professores em formação e alunos da educação básica.

Palavras-chave: imagem; teatro imagem; teatro do oprimido.

#### 1 INTRODUÇÃO

Este texto é o desdobramento de uma pesquisa sobre imagem em educação, em andamento, desenvolvida no âmbito do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). A partir de leituras, discussões e visitas às escolas, exercita-se a relação entre teoria e prática do tema pesquisado, em especial, dando ênfase as ações do teatro imagem na sala de aula. Embora as técnicas do teatro imagem, como modalidade do teatro do oprimido, sistematizado por Augusto Boal, esteja no cerne da pesquisa, outros autores e pesquisadores

da imagem são atraídos para os estudos, no intuito de ampliar o entendimento do poder da imagem na sociedade, e das ações e reflexões que elas permitem. No processo da pesquisa emergiram algumas questões que dão impulsos e aguçam a curiosidade, como por exemplo: o que é a imagem? Como conceituá-la? Ao decorrer das reflexões sobre a imagem, verifica-se, ainda que superficialmente, que há, de certa forma, potência na imagem traduzida em um poder que atravessa as relações interpessoais.

Contudo, encontra-se no teatro imagem a aplicabilidade desses pensamentos. Jogos e exercícios provocadores de reflexões sobre a matéria e a condição das pessoas reprodutoras, recriadoras ou criadoras de imagens. Essas reflexões, no campo teórico, continuam nas atividades práticas extensionistas, como modo de socializar os jogos com imagens no espaço da sala de aula, seja no ensino fundamental, seja no ensino de jovens e adultos.

A metodologia bibliográfica não basta às inquietações da pesquisa. Faz-se necessário a experimentação, a atuação no jogo para acentuar o caráter diversificado das abordagens. Diante disso, relevam-se indagações sobre o papel, ou talvez, o lugar da imagem dentro do teatro imagem. São exploradas, sobretudo, as técnicas do teatro imagem, a fim de perceber a perspectiva ora do produtor de imagens ora do espectador dessas imagens.

A princípio parece desnecessário refletir sobre a imagem no teatro imagem, pois se pressupõe que o teatro em si é uma representação, uma ficção, portanto, múltiplas imagens em ação. No entanto, um dos principais questionamentos é aquele que indaga se o teatro imagem é de fato representação. Se não se trata do ato representacional, então, o que é real e o que é imagem? Neste viés ressaltam-se as fontes principais: Areal (2012), Loizos (2008), Boal (1980) e Barthes (1984). Além dessas referências, a produção fotográfica das atividades do projeto de extensão: teatro imagem na sala de aula e os experimentos com o teatro na escola compõem a sistematização da pesquisa.

[...] devemos considerar que a imagem não representa a realidade plasmada em uma superfície amorfa, mas que é constituída e produzida pela realidade social, que é mediadora entre o sujeito que a produz e aquele a quem se destina, logo, neste texto a imagem é considerada como um artefato cultural.(WELLER e BASSALO, 2011. p 284).

Vê-se que a sociedade produz e utiliza as imagens como uma forma de interação entre as pessoas e o mundo. Loizos (In: BAUER; GASKELL, 2008, p. 138) declara que “o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem dos elementos visuais. Consequentemente o ‘visual’ e a ‘mídia’ desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica”. Demonstrando como a presença da imagem na vida das pessoas além de ser crescente vem se tornando mais complexa.

## 2 QUESTÕES DA IMAGEM NA CENA

Pode-se começar com a finalidade que é estabelecida para os exercícios do teatro imagem. De que forma a imagem é vista, tratada e discutida dentro dessa técnica de teatro? Qual é o objetivo desta técnica e sua relação com a imagem? Ao escrever sobre o teatro

imagem, na verdade, ao sistematizar a técnica, no livro *Stop: C'est Magique* (BOAL, 1980), Augusto Boal coloca como objetivo desenvolver a capacidade de refletir sobre as imagens com as quais as pessoas se deparam, ou seja, uma técnica que visa ajudar a ver aquilo que se olha. Desse ponto surgem mais questionamentos, como: o que é preciso ver? Ou quais as imagens que estão diante de nós e não vemos?

No dia a dia, por exemplo, é comum se envolver numa grande quantidade de imagens de violência, veiculadas por jornais televisivos e online. Hoje, essas imagens se tornaram comuns, e os acontecimentos que impactavam e causavam horrores não parecem provocar mais sentimentos adversos. Ao que parece, a violência cotidiana está banalizada. As imagens passam pelos olhos tão rapidamente e repetidamente que não se vê na sua totalidade, e muitas imagens contidas nelas passam despercebidas. Tomando a fotografia como referência, Barthes (1984, p. 27) destaca quatro pensamentos, ou “imaginários”, que estão presentes na imagem e se chocam: o primeiro, é como sujeito fotografado se julga ser; o segundo, é como ele queria que os outros o julgassem; o terceiro, é como o fotógrafo o julga, ou seja, como ele imprime suas expressões nele; e o quarto e último, é como o fotógrafo o utiliza para divulgar sua arte. Essas quatro noções estariam presentes na fotografia, e muitas vezes não se dá conta delas. Pode-se pensar que algumas dessas noções transpassam o autorretrato e está presente em fotografias no geral. Como Loizos (in: BAUER; GASKELL, 2008, p. 141) coloca: “A informação pode estar na fotografia, mas nem todos estão preparados para percebê-la em sua plenitude”.

Já Augusto Boal atenta para a forma como são observadas essas imagens presentes no cotidiano. Por exemplo: “Olhamos o corpo seminudo de mulheres lindíssimas seduzidas por um jovem musculoso e esbelto que bebe uísque com a garrafa e a marca em primeiro plano, mas não vemos que o álcool pode, quando muito, conduzir à impotência, nunca a excessos de virilidade” (BOAL, 1980, p. 34). Além de que corpos femininos estão ali sendo usados para vender produtos. Assim como, no exemplo acima, Boal (1980, p. 34) coloca que se tende a fazer associações impossíveis através das imagens. Desta forma, percebe-se que muitas vezes se olha e não vê, ou há ausência de reflexão sobre o visto. Por sua vez, como maneira de desbloquear a condição passiva diante da imagem, o teatro imagem se mostra como uma proposta, através de exercícios e jogos teatrais, para desenvolver uma linguagem visual mais crítica e reflexiva da imagem. Diante disso, vê-se que o primeiro lugar onde a imagem se encontra no teatro imagem é no próprio objetivo para o qual a técnica se propõe, e neste ponto ela tem um papel crucial.

Pensar sobre o objetivo para o qual o teatro imagem se propõe, fez desencadear reflexão sobre a posição e a relação que se tem com as imagens no cotidiano. Muitas vezes ao olhar os noticiários, vê-se fotografias e vídeos como prova de um fato. Também é comum a escuta de frases como “uma imagem vale mais que mil palavras” ou “a imagem não mente”. Assim, algumas imagens são tidas como a verdade. No entanto, Loizos (in: BAUER; GASKELL, 2008, p. 138), ao discutir sobre a imagem, atenta justamente para “uma falácia implícita na frase ‘a câmera não pode mentir’. Os seres humanos, os agentes que manejam a câmera, podem e, de fato, mentem”, pode-se perceber isso através das fakenews, por serem compartilhadas e, às vezes, atribuída credibilidade, isentas de um olhar crítico da imagem.

É também notório que Boal faz uma diferenciação entre o ver e o olhar, logo entende-se que ele se refere a um olhar mais atento e sensível que possa perceber a imagem de forma mais crítica e elucidativa. Ao discutir a diferença de olhar e ver, Areal (2012, p. 27) diz que a “imagem é sempre semântica, isto é, tem um significado”, ou seja, ela passa uma mensagem, há um sentido e também uma intenção.

### 3 INQUIETAÇÕES ENTRE A COISA REAL E A IMAGEM NAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa acontece em duas instâncias: no estudo bibliográfico e na aplicação dos jogos com imagens na sala de aula. De modo que as considerações sempre abarcam a reflexão dessas ações do teatro imagem na sala de aula.

As técnicas do teatro imagem, apresentadas por Boal (1980), atuaram como parâmetros de jogos e exercícios que passaram a ser aplicados, analisados e, em alguns momentos, adaptados nas dinâmicas de sala de aula. Alguns jogos foram selecionados para estudo teórico e prático no espaço de laboratório de imagens. Por exemplo, a primeira dinâmica é a de ilustrar o tema com seu próprio corpo. Os participantes, de acordo com as regras do jogo e sua sequência, vão criando imagens corporais como forma de se expressarem. Os jogadores comentam algo, expressam suas emoções, e promovem o diálogo de imagens que são descritas, pelo companheiro de jogo ou os demais jogadores, através de outra imagem. Na primeira parte do exercício, os participantes fazem a imagem de forma individual, cada um a seu tempo. Na segunda parte, chamada de dinamização das imagens, todos fazem a imagem ao mesmo tempo. Segundo Boal (1980. P 50-51), na primeira parte se tem uma visão pessoal, psicológica, sobre o tema, na segunda tem-se uma visão social.

A segunda dinamização, ao invés de várias imagens desconectas, mostradas ao mesmo tempo, propõe-se que os participantes relacionem as imagens. Então, se anteriormente se tinha uma visão social variada do tema, agora há uma visão social interligada, como coloca Boal (1980, p. 52): “Não múltiplos pontos de vista, mas um só, global, totalizante”. A terceira dinamização, propõe-se que aqueles que se representam como vítimas, oprimidas, agora irão representar o oposto, os opressores. Nesta dinamização, é possível notar para além de como o participante se vê, o oprimido, como ele vê o outro, o opressor.

Souza e Olária (2014, p. 7) declaram que “A imagem é um produto que revela a visão de mundo, expressa a sensibilidade e a intencionalidade de seu autor na captura de determinado momento da realidade”. Assim, a imagem apresentada, mesmo que pareça óbvia, pode levar a diferentes tipos de interpretações.

Outra técnica analisada é a imagem de transição (o real e o ideal) (BOAL, 1980, p. 61). Nesta técnica, primeiramente um grupo mostra uma imagem de opressão (real), qualquer tipo de opressão que o grupo queira discutir. Depois eles devem mostrar uma imagem onde não existe mais aquela opressão (ideal). Na dinamização dessa técnica pede-se que o grupo apresente, de acordo com os sinais do pedagogo do teatro, as imagens de transição entre a opressão real e o modelo ideal. Ou seja, pede-se que o grupo discuta visualmente formas de combater aquela determinada opressão.

Indagar sobre o que seria imagem e o que seria realidade dentro desse exercício, ao que parece, faz-se necessário partir de alguma perspectiva, primeiro para o da pessoa que irá representar uma opressão. Essa representação é uma imagem feita a partir de uma situação real, uma coisa, algo concreto. No entanto, ao pensar pelo olhar daqueles com quem se compartilha a imagem, ela pode ser considerada real pelos demais. Algo que se pode tocar e também fazer uma imagem. Além disso, se há uma transição do “real” para o ideal, que realidade é essa? Seria a opressão que se representa ou o que se apresenta naquele momento? Areal (2012, p. 65) coloca que “o conceito de imagem ou representação se opõe ao de apresentação ou presentificação (*presentation*) ou presença da coisa. Uma imagem não se pode tocar (apenas a superfície do seu suporte), ao contrário da coisa.” O que leva a pensar que se pode ter tanto uma representação como uma apresentação da opressão e do “ideal”.

O teatro imagem conforme sistematizado por Augusto Boal (1980. p 61) “[...] consiste

em trabalhar um modelo, em provocar uma discussão com meios exclusivamente visuais. A palavra, mais do que nunca, deve estar ausente, mas não o debate, que deve ser o mais intenso e complexo possível”. Nota-se que a imagem, além de uma imitação, expressa o que é singular, um pensamento que ao passo que soa individual, transpira o coletivo. A imagem abre as mais diferentes opiniões sobre um tema de interesse do grupo. Acordos e desacordos que se estabelecem ou se acirram nas relações sociais. Uma questão real é tratada naquele momento, não é uma representação de algo ou alguém, mas a própria pessoa se expressando.



Figura 1: Arquivo do projeto de extensão: teatro imagem na sala de aula.

A fotografia acima (Fig.1) foi feita em uma oficina de teatro imagem juntamente com um círculo de cultura realizada pelo 7º período de pedagogia e pelo projeto de extensão teatro imagem na sala de aula em uma escola de Educação de Jovens e Adultos. Na imagem é notório uma das experiências do exercício citado acima. Percebe-se entre as pessoas participantes que algumas delas formam uma imagem onde demonstram serem silenciadas. Nota-se que representam uma opressão, então moldam o próprio corpo. Não se sabe exatamente a que opressão se referem neste momento, pois não há fala, porém, a partir dessas representações e apresentações, ações corporais aqui e agora, são realizadas leituras distintas.

Há um diálogo, sem o uso da oralidade sobre a imagem apresentada. O espectador que também atua não está diante apenas de uma representação, mas uma apresentação de pessoas que estão expressando suas opressões, pessoas que se sentem proibidas de falar sobre suas situações vivenciadas. Tendo as imagens, são construídas significações, a partir delas. Assim como Areal (2012. p 69) fala das esculturas, talvez possamos aplicar aqui o mesmo pensamento sobre os modelos apresentados, que igualmente “podemos tocá-la, podemos olhá-la de diferentes pontos de vista; são já objectos, não são apenas imagens”.

A proposta de Augusto Boal, por meio do teatro do oprimido, instiga a participação do espectador promovendo formas dialogais dentro do acontecimento dramático, com isso, atores e espectadores podem modificar a história e, ao mesmo tempo, encontrar-se em ações coletivas autorreflexivas, despertando pensamentos sobre a própria realidade, sobre o seu

lugar e a condição social.

Diante disso, a importância que o teatro do oprimido assume na formação dos espectadores é de extrema importância, pois é por meio desse sistema teatral que os sujeitos tomam consciência de sua realidade, exercitam um pensar crítico e transformam-se transformando o social.

## REFERENCIAS

AREAL, Leonor - **O que é uma imagem?** Cadernos PAR. N.º 5 (Mai. 2012), p. 59-80.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota Sobre a Fotografia.** Rio de Janeiro: Nova, 1984.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Stop, c'est magique!** Civilização Brasileira, 1980.

BOAL, Augusto. **Teatro jornal: Primeira edição.** Latin American Theatre Review, p. 57-60, 1971.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa. In. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Flávio José Rocha. **Uma história do teatro do oprimido.** revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.7, n.19, p. 23-38, fev.-mai.2014.

SOUZA, V. L. C. A., & OLÀRIA, V. (2014). **Outros olhares sobre o uso da imagem em pesquisa qualitativa: o exercício com a interpretação de Didi Huberman.** Comunicação & Informação, 17(2), 06-22. <https://doi.org/10.5216/31812>

WELLER, Wivian. BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **Imagens: documentos de visões de mundo.** Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 28, set./dez. 2011, p. 284-314